

**Ex-funcionário(a)/anônimo(a) do Setor/Departamento Jurídico da
Itaipu¹**

ENTREVISTA I

Ex-funcionário (a) / Anônimo do Setor/Departamento Jurídico: “Esse negócio aí dos índios é o seguinte. Esses índios eles não são índios coisa nenhuma, isso é uma cambada de safado sem vergonha, entendeu? *A Itaipu pagou mais do que devia pra eles, levou eles pra uma terra boa. Não foi assim igual levar uns caras ricos, lógico, né? Índio tem que tratar no cacete, porque eles não gostam de coisa delicada.* Agora acontece o seguinte, esse negócio que nós fazia aí, churrascada pra eles e levava comida, churrasco, linguiça. O doutor *Paulo Cunha, o doutor Marcos, a doutora Marisa, eu, o Gimenez, o Rubens.* Nós ia fazer, jogava com eles lá, eles eram tudo mais uns paraguaios malacos.”

Ex-funcionário: “Então, é por lado do Paraguai não dava pra levar eles de caminhão porque tinha um rio, né? Como é que ia passar o rio? *Agora é o seguinte, eles queriam receber sei lá, quanto é que a Itaipu pagou, nem sei, mas foi pago tudo aqueles barracos deles lá, aquelas ocas deles lá, foi pago tudo, porque não era casas boas que nem aquelas que nós tava queimando não, só tinha umas paredes assim, entendeu?* Era tudo uma cambada de safados esses índios, eu não gosto deles não”.

Ex-funcionário : “Mas aí é o seguinte, eles queriam só... É, chegavam a parar carro na estrada ali pra pegar dinheiro, pra pedir dinheiro pra gente, entendeu? Eles não trabalhavam, não faziam nada e esse negócio de comida, de vez em quando a gente levava essas carnes, fazia essa churrascada com eles lá, cada mês a gente fazia isso com eles lá. Então eles ficaram muito contentes de sair de lá ondes eles estavam, porque lá onde eles estavam não tinha condições, eles não tinham nem um barraco bom pra morar. No frio eles passavam muito frio, eles tinham que vir pra cidade pedir coberta, pedir coisas, que ninguém dava nada pra eles, que eles não eram índios, eles eram paraguaios. E aí a binacional, a Itaipu pagou eles, levou eles, fez casas boas pra eles e tem rancho também, mas tem escola, tem tudo lá onde eles estão. Essa gleba Avá-Guarani ali em Santa Rosa, no Ocoy, eles tem tudo lá o que eles querem, menina, não tem mais nada para eles, não, chega de tratar de vagabundo.”

¹ Entrevista I realizada em 20 jul. 2016. Transcrição da entrevista: Juliana Matos, estagiária do CAOPJDH, 1º set. 2016.

Ex-funcionário: “*Então, uma coisa que foi feita com os índios, eles não queriam sair de lá, né? Eles não queriam sair de lá, então, a diretoria da Itaipu, é desapropriação, ninguém tem que querer as coisas, aqui é igual a lei do coronelismo, não tem que querer, senão vai morrer afogado, vai ter que sair de igual.*

Então a gente fez a mudança deles tudo, né? Eles não queriam sair de lá, e aí o pessoal ia lá levar cenoura, batata, banana pra eles, agradar eles, entendeu? E aí até tinha uma campinho de futebol lá. O doutor Paulo Cunha que era o diretor-geral da Itaipu, da desapropriação, da área jurídica de desapropriação ele levava carne lá, linguicinha, nós fazia churrasco lá com os índios, jogava bola com os índios, entendeu? Não, ninguém maltratou eles não.

Agora, eles não queriam sair de lá, lógico, né? Eles estavam lá no lugar deles, na barranca do rio, eles iam pra outro lugar diferente, não sabiam ainda que era lá naquela terra lá do Ocoy, do antigo, no Santo Guilherme lá, então essas coisas aí, eu sei, eu acho que foram bem tratados os índios, ninguém tratou eles mal, não. *Só que foi feito assim igual antigamente, né? Não é igual dar banana pra cachorro, linguça pra cachorro, é igual banana em boca de velho, entendeu? É assim que foi tratado os índios.* Eu acho que, eu não sei, índio pra mim, eu já não gosto muito de índio, mas índio pra mim tem que viver na Amazônia, né?”

Ex-funcionário: “Mas, hein? Então é o seguinte, *como é que nós ia meter fogo com os índios lá embaixo, menina?* É o seguinte, Itaipu pagou os índios, nós fizemos a mudança deles, eles foram correndo atrás da caminhonete, amarramos as panelas na caminhonete, que não cabia mais de tanta tranqueira, chapa velha, lata velha que eles faziam como chapa. Eles eram uns miseráveis, eles não tinham nada, eles não eram índios naquela região.

Depois que surgiu o negócio de Itaipu, tal, que daí Itaipu descobriu eles ali falando que eram os índios e tal, aí é que eles pegaram um fôlego, entendeu? Ali eles eram uns miseráveis, eles passavam fome, passavam frio, não tinham nada pra comer. Eles só comiam, sabe o que eles comiam? Eles mexiam farinha, farinha, farinha... farinha de fazer pão e água e botavam sal e fritavam em cima da chapa. Os paraguaios pobres são assim, eles fazem chipa assim também, sabe? Agora tem as chipas dos caras mais avançados, mais ricos, né? Agora os pobres só comem mandioca e chipa e água com farinha em cima de uma lata, de uma chapa, sem gordura, sem nada, tudo queimado, entende?

Aí depois que a Itaipu descobriu o tal dos índios, pagaram os índios, levamos os índios

lá pra gleba, lá pro Ocoy, aí depois é que nós fomos lá e queimamos os barracos deles todos, se não era capaz de eles voltarem, entendeu? Porque isso é uma cambada de vagabundos, sabe? Uns paraguaios sem-vergonhas. Tem uns mais velhinhos lá que acho que já morreram, eu não fui mais lá pra ver isso, mas tinha uns velhinhos que podia até ser que fosse ver uns paraguaios índios meio caborteiro [que ou aquele que não é confiável, que mente, engana ou trapaceia por astúcia ou com más intenções; velhaco²], sabe? De lá do [rio] Paranazão velho, de Itacorá, mas isso aí, graças a Deus que surgiu Itaipu na vida desses índios, se não eles estavam morto de fome.”

Ex-funcionário: “Agora, cemitério tem umas coisas meio estranhas, sabe? Até me dá uns arrepios quando eu começo a me lembrar. Tinha um cemitério deles lá, desses paraguaios índios lá na barranca do rio que tinha umas cruzes toda torcida de ferro que ninguém conseguia fazer aquilo, sabe? Parecia que era do tempo dos Jesuítas, dos índios que estavam, que passavam por ali, sei lá, eles de certo deveriam ser amigos dos jesuítas na época, que eles desviavam as quedas de Guaíra, lá de Sete Quedas, vinham parar pra cá e acho que eles fizeram essas cruzes, quando eles morriam eles tinham umas cruzes dessas.

Eu tinha um colega meu que tinha até uma cruz dessa, eu não quis trazer pra casa porque, sei lá, uma coisa estranha assim, né? Mas ele levou, eu não sei se ele ainda tem essa cruz, vou até ver se eu acho esse cara, é uma cruz do cemitério dos índios. E nessa cruz foi enterrado um índio muito velho, o índio acho que já tinha quase 200 anos, o índio, um paraguaio, porque eles são, sabe? Aquelas canelinhas sequinhas, e são barrigudinhos, né? E aí o seguinte, um velhinho, eu conheci o filho do filho velhinho que já estava velho, entendeu? *Então era um pessoal muito antigo que morava ali, entende? Eram uns paraguaios muito antigos, podia ter, esses até acho que eram índios mesmo.* Agora, desde a hora que meteram a picareta, porque era tudo meio pedra assim, disse que quando deu a picareta no caixão, porque o caixão era feito de uma madeira muito resistente, quando eles não enterravam os índios, quando eles não queimavam os índios naquele negócio de barro pra socar e comer, eles enterravam, e o cara disse que quando ele deu uma picaretada em cima caixão, que era um caixão muito antigo, disse que deu um sopro assim, um berro e os ossos saíram tudo pra fora com o vácuo do vento que entrou, sei lá o que aconteceu e os ossos saíram pulando. Aí os caras saíram correndo e aí quando voltaram lá meteram a marreta nos ossos dos índios e não

² Instituto Houaiss de Lexicografia e Bando de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

quebravam, não quebravam os ossos dos índios, aí jogaram tudo lá dentro do rio, esses ossos, foi embora rio abaixo, pelo Paranazão [rio Paraná]”

Ex-funcionário: “Sabe o que eles faziam? *Tinha uma estradinha que era uma estrada, que você morou aqui, não sei, aqui em Marechal Cândido Rondon, era uma estradinha, a PR65, que ligava Foz do Iguaçu a Guaíra, era uma estradinha de chão que passava lá em frente a esses índios lá, sabe? Desse grupo de índio ali, desses paraguaios. Eles eram tão pobres, os coitados. Eles não tinham roupa de cama, não tinham nada, eles dormiam com palha de coqueiro, sabe? Eles comiam farinha de trigo, farinha pura com água, não tinha mais nada pra comer, eles eram uns coitados, a gente passava, aí eles atacavam a gente pra pedir, naquele tempo um cruzeiro, não era nem real ainda naquele tempo, era cruzeiro, pediam um cruzeiro – “tio, dá um cruzeiro aí que nós não temos nada pra comer”, aí nós dava cinco cruzeiro, às vezes a gente comprava muita linguiça, queijo, assim dos colonos, né? Que era bem mais barato, também, ovos, a gente dava um pedaço de queijo pra eles, um pedaço de linguiça. Eles saiam correndo aquelas crianças, aqueles barrigudinhos, sabe? Aqueles barrigudinhos com o pinguelo de fora que eles andavam pela, os pinguelos tudo correndo lá, só tinha barriga, pareciam uns lambaris, sabe? Aí a gente tinha dó deles, né? Coitados.*

A Itaipu pagou a eles, não tinha nada pra eles levarem de casa assim de madeira, porque a Itaipu pagava os colonos, pagava tudo as pessoas que foram desapropriadas.

É o seguinte, tem que falar a verdade: não adianta a gente ficar falando mentira porque depois Deus castiga a gente, isso aí Deus não gosta. Então é o seguinte: eles não tinham casa de madeira, não tinham nada. A Itaipu fez casa de madeira pra eles, fez escola, agora eles estão na boa lá. Graças a Deus que surgiu a Itaipu na vida desses índios. A Itaipu depois, a gente levava lá pra eles caixas de cenoura, caixas de banana, de tudo que é coisa, batata, sabe? E eles comiam igual índio, entende? Cambada de sem vergonha, aí eles se fizeram de índio mesmo, então eles foram lá pra essa gleba, graças a Deus, eles tão bem lá, eles não tão mal, não, eles estão muito bem. Vocês têm que escrever nesse livro aí que a Itaipu salvou um grupo indígena da morte aqui que eles estavam pra morrer tudo de fome, entendeu?”